

5 Ciência, Psicose e forclusão

O estudo sobre a posição da ciência e da psicose diante do impossível nos forneceu elementos para empreender aproximações e distinções entre ambas. Assim o faremos neste capítulo visando extrair dessa analogia algumas indicações para um trabalho orientado pela psicanálise em uma cultura regida pela ciência. Partimos da analogia empreendida por Lacan em textos como “A ciência e a verdade” onde ele afirma que “uma paranóia bem sucedida apareceria igualmente como o encerramento da ciência.” (1965: 884). Mas em quê uma paranoia bem sucedida se assemelha à ciência? É a este ponto que pretendemos chegar ao final desta dissertação.

5.1 *A Unglauben*

Começamos pela maneira como discurso científico e psicose se estruturam para depois chegarmos às conseqüências dessa estruturação. Retomemos as reflexões do terceiro capítulo sobre a crença ou a ausência desta - *Unglauben*. Afirmamos com Lacan (1959-60: 163) que o vazio que põe em ação a função significante da linguagem é foracluído na paranoia e que, por conta disso, os fenômenos que desta estrutura derivam carregam a marca do que é sem furo. Resta saber por que Lacan utiliza o termo *Unglauben* para falar da posição do discurso da ciência sendo que este termo é o mesmo utilizado por Freud para designar a posição do paranóico diante da realidade psíquica (Lacan, [1959-60]: 163).

Podemos começar notando que em ambas – ciência e psicose, esse vazio é rejeitado no sentido próprio da *Verwerfung* (Ibid.: 164). O descompasso próprio ao sistema da linguagem que a psicanálise sublinha, conforme vimos no primeiro capítulo desta dissertação, é justamente o que psicose e ciência foracluem. O discurso da ciência na modernidade nasce a partir de um saber que se supõe sem limites e que, por isso, desconsidera, por princípio, o vazio que produz da linguagem uma versão estruturada aos moldes do Nome-do-Pai. Ao mesmo tempo em que a ciência esquece

esse vazio originário a partir do qual um corpo se constitui, ela é um “discurso que, por estrutura, nada esquece” (Ibid.: 287). Vejamos que a inclusão dessas duas orações na mesma frase não forma de modo algum um paradoxo, mas afirma o mesmo de formas diferentes retomando o aforismo de Lacan (1953) que equipara o modo como se estrutura o inconsciente da estrutura da linguagem. Inconsciente e linguagem se compõem a partir de algo que foi esquecido. Um “discurso memorial do inconsciente cujo centro está ausente” (Lacan, [1959-60]: 287) não faz o menor sentido dentro do discurso científico porque nele tudo é presente e palpável. Dizer que a ciência não esquece nada e que ela esquece o vazio são afirmações equivalentes que se referem à operação de forclusão do impossível pela ciência.

No lugar desse impossível, a ciência preenche a hiância entre causa e efeito promovendo um retorno desse impossível como fórmula no real e, fazendo assim, ela consegue estabelecer conexões diretas entre estes. Essa relação direta se presentifica nas fórmulas ou leis científicas que obturam o furo por considerá-lo acessível e numérico, portanto, legível. Se na neurose, com a inscrição do Nome-do-Pai, esse furo fundante do sujeito é sustentado pela crença de que há no infinito alguém que olha por mim, que contém meus mistérios e que tem todas as respostas (Regnault, 2001); a ciência toma esse furo e diz: isso é número. Veremos ainda nesse capítulo que na arte, religião e na magia encontramos destinos ou tratamentos diferentes ao vazio - seja contornando-o ou evitando-o, mas ciência e paranoia não possuem crença nele, não o concebem. Disso depreendemos que na experiência da neurose, por conta da inscrição do Nome-do-Pai, há a crença enquanto que na psicose assim como na ciência há a *Unglauben*, a não-crença no Pai.

No terceiro capítulo afirmamos que o sujeito psicótico, por mais que pareça ser dos sujeitos o mais crente, não crê. Pudemos ver também como isso está relacionado à forclusão do Nome-do-Pai, por este ter a função “de ser aquele que contém as palavras no sentido em que contém quer dizer retém, razão pela qual uma distância e uma articulação são possíveis” (Lacan, [1959-60]: 85). Desta forma, sem o Nome-do-Pai que estabeleceria uma distância que abriria a possibilidade de uma articulação pelo sujeito, o que chega ao sujeito pode ser experimentado como uma imposição, como uma presença externa justamente onde se esperaria uma apropriação por parte do sujeito.

Tentemos nos acercar dessa ex-timidade (Lacan, [1959-60]) através de elementos da clínica. Clérambault (*apud* Tenório & Rocha, 2006: 66) traz algumas citações que ilustram o que gostaríamos de afirmar nesse ponto da dissertação. Sua

paciente lhe diz: “Sou forçada a reconhecer as pessoas”; ‘Mostram-se todas as minhas lembranças, mostram-me minhas próprias lembranças’; ‘Não sei onde encontrar meu pensamento em tudo o que me sopram’”. Esses relatos recolhidos por Clérambault nos colocam diante de uma operação que, apesar de sua complexidade e sofisticação, para a maioria de nós é vivida como trivial. É através da psicose que temos notícia de que lembrar e pensar, por exemplo, são operações de linguagem índice da nossa condição de sujeito (Tenório & Rocha, 2006). A possibilidade do sujeito articular essa operação como lhe pertencendo, como sendo ativada pelo seu desejo e estando sob seu comando dependem da entrada do Nome-do-Pai, senão isto permanece como algo externo que lhe é determinado. Podemos pensar que o mesmo acontece na ciência no que se refere à matematização do real. Tal como o retorno do impossível como fórmula no real instaurado pela ciência, a forclusão de lei paterna na psicose tem como retorno algo que é experimentado como uma lei absoluta para o sujeito.

A idéia de que o universo foi escrito em caracteres matemáticos não é uma crença, não é nem mesmo uma idéia, mas uma certeza e não encontramos nenhum saber na raiz desse postulado científico. Entender que a ciência *acredita* que o real contém fórmula é supor que houve uma articulação lógica anterior que culminasse nessa conclusão quando o processo é justamente o avesso disso. A ciência não *crê* na matematização do real, isso está lá e não foi inventado por ela porque já era assim desde sempre. Primeiro surge a concepção do universo matematizado - tal como um postulado delirante, acrescentaria, e depois surgem as teorias que visam acomodar o mundo nesse postulado, como veremos a seguir.

5.2 A hipertrofia do imaginário

Diante da *Unglauben* na ciência e na psicose frente ao impossível da linguagem, devemos lembrar que a forclusão do impossível não implica a sua desapareição. No caso da psicose, este impossível recebe um tratamento, cujos efeitos são no sentido da significação e cuja natureza é prioritamente imaginária (Lacan, [1955-56]: 104). O impossível será apresentado, não como vazio, mas como significação, de forma eminentemente imaginária. Pensemos sobre essa figuração imaginária do impossível começando por uma retomada do que já vimos sobre a psicose para avançarmos na analogia com a ciência¹.

¹ Mais tarde, quando Lacan articular sua teoria a partir do RSI, seu o vocabulário muda e o que Lacan chama neste momento de simbólico passa a ser um modo de articulação, enquanto que o imaginário seria outro modo.

A partir da *Verwerfung* de um significante primordial que, já vimos, é um nome do vazio - o Nome-do-Pai, a construção do mundo erigida pelo sujeito se fará através dos delírios, através do imaginário, o que lhe confere predicados relativos a sua consistência, solidez e fixidez. O sistema de linguagem tal como expomos no primeiro capítulo pode sofrer uma torção na psicose que engessa significante e significado e, mais uma vez, o delírio pode ser tomado como ilustração disso. Isso que nos permite acompanhar a afirmação de Lacan (1954: 394) de que no paranóico preponderam as estruturas imaginárias. Resta a questão sobre a forclusão do sujeito na ciência.

A partir do discriminante de Popper, vimos no segundo capítulo que os pontos sobre os quais a ciência se debruça possuem a marca da contingência e que essa marca é transformada pela ciência a priori como condição para conseguir definir a lei do fenômeno. As leis científicas nascem da contingência, elas portam um imponderável em sua constituição que é de saída transformado em necessário. Essa necessidade não tem a ver com o fenômeno observado e sim com a operação discursiva que a ciência promove. O discurso científico capta o contingente sob uma forma literal, ou seja, ele confere ao contingente uma escrita que o torna algo que não pode ser outro que é. Nas palavras de Milner (1996: 52), “a estrutura da ciência moderna repousa inteiramente na contingência. A necessidade material que é dada às leis é a cicatriz dessa contingência mesma”. O imponderável foracluído é mantido, mas como cicatriz, integrado na equação.

Já podemos perceber que nosso caminho nos leva a entender que tanto o postulado delirante quanto o postulado científico são, um modo de fazer com o furo. O ideal da ciência e a psicose com a forclusão do Nome-do-Pai apagam de sua história a possibilidade de um vazio originário e alcançam ao extremo a rejeição do sujeito² (Freire, et. al., 1996: 25). Elevando isso à máxima potência na ciência e na psicose podemos dizer que em ambas o não-ser, não é óbvio. No caso da psicose é como se não houvesse não-ser, tudo é algo e, como exemplos disso podemos citar a interpretação delirante ou a total perplexidade comum nos primeiros surtos. Quando tudo pode acontecer, tudo é, tudo vira ser³. Isso nos remete à ausência do que ressaltamos no terceiro capítulo como ponto de basta porque a ausência disso que limita as possibilidades do que pode vir a ser no mundo se presentifica tanto na ciência quanto na psicose (Vieira, 2008a).

² Não defendo aqui a inexistência de sujeito na psicose, mas de uma ex-sistência, na qual um sujeito se constitui pela própria subtração, criando um território ao qual ele possa pertencer.

³ Essas reflexões advieram das discussões ocorridas no seminário “Lições da Psicose”, ministradas por Marcus André Vieira no Instituto Phillippe Pinel.

5.3

Fim da impotência, forclusão e fabricação do impossível

A estrutura psicótica possibilita o atrelamento entre significante e significado e esse atrelamento se apresenta nos fenômenos da psicose onde observamos a formação de signos (Lacan, [1955-56]: 17). Mas, afirmar que nisso consiste a forclusão do impossível nessa estrutura não justifica a afirmação de que este impossível não exista na psicose. O mais preciso que poderíamos dizer é que este impossível não existe tal como na neurose. Voltemos à analogia entre psicose e neurose para insistir sobre essa questão do impossível e da impotência na neurose para podermos entender por contraste como seria essa questão na psicose e na ciência.

Na neurose há, segundo Freud, uma incompatibilidade entre o *eu* e uma representação desconfortável e que, diante desse conflito, é retirado o afeto dessa representação, o que a torna inócua. Isso não significa, entretanto, que o *eu* é aliviado por completo da contradição: ele passa a sofrer com um sintoma que faz lembrar a primeira representação originalmente suprimida. Na neurose o furo pode ganhar uma roupagem, ser mantido por algo que o representa, mas ele se mantém como impotência. Para entendermos o que articulamos aqui como impotência, será necessário nos referirmos à limitação do gozo, ou seja, à instituição no sujeito do gozo fálico.

Em nossas reflexões sobre o complexo de Édipo, atribuímos ao Pai a função de interromper o gozo da relação incestuosa entre mãe e filho. A partir daí a criança passar relacionar o que falta a ela com isso que interveio e interditou, o Nome-do-Pai. Daí por diante a vida do sujeito será uma alternância entre “satisfação” e “exigência de satisfação”, quando a satisfação e o poder estarão relacionados ao falo⁴ (Freud, 1920; Vieira, 2008: 90 et. seq.). A potência total, o gozo absoluto e ininterrupto, a partir da instauração da lógica fálica, estarão inviabilizados porque o objeto que prometeria esta satisfação é interdito no Édipo e localizado como da alçada do Pai. Nisso, impotência, ou seja, incapacidade de fruição do gozo proibido, e impossível convergem no Nome-do-Pai, que, por sua vez, fixa esse impossível no infinito mantendo-o como inapreensível e fora de controle do indivíduo, como algo maior do que ele mesmo (Regnault, 2001).

⁴ Sobre essa associação entre o falo e o poder, bem como sobre as múltiplas facetas dessa associação ver Vieira (2008: 92).

Desta forma, se o neurótico encontra um furo, um ponto cego, ele é lido como a marca de sua impotência e o faz crer que dali algo olha por nós, como um lugar onde constam todas as respostas para nossos enigmas. Essa crença não se instaurou na psicose. O que está foracluído é, portanto, a possibilidade de entrada no vazio do Nome-do-Pai como expectativa, como uma resposta sempre a ser alcançada, sempre no horizonte.

Isso que está sempre no horizonte para o neurótico tem status muito diferente na psicose e na ciência. O que não se instaurou no psicótico é a impotência tal como na neurose porque na psicose o impossível ganha significação e passa a ser explicável, acessível, mesmo se figurado como um Outro absoluto. Podemos trazer uma fala da personagem central do filme “Estamira para todos e para ninguém”⁵ para vivificar isso que queremos abordar aqui. Sobre si mesma ela diz:

Cagüeto nacional, brasileiro, natural, superior, sanguíneo, visível, absoluto é Estamira. Cagüete também principal, natural, nacional, regional... geral! Mas também cagüete, além de Estamira. O Cagüete é o comunicador de toda a coisa, todas as coisas. É o resumo: o cagüete é o comunicador de todas as coisas, revelador comunicador de todas as coisas

Todas as coisas estão ao alcance e são comunicáveis por Estamira. Não há nada no mundo que seja visto por ela como estando além do que ela pode explicar porque não há impotência. Em outro filme – “Estamira”, do mesmo diretor, ela diz mais:

Tem o eterno, tem o infinito, tem o além, e tem o “além dos além.”. O além dos além vocês ainda não viram. Cientista nenhum ainda viu o além dos além. O além dos além é um transbordo. (Vieira: 2008, 96)

O impossível, aquilo que está além para a maioria de nós - os *sanguíneos*, é campo conhecido e teorizado por Estamira, o que pode nos aproximar da afirmação de Lacan (1954: 390) de que na psicose a castração se encontraria “suprimida pelo sujeito dos próprios limites do possível”. O Nome-do-Pai como intervenção de algo externo que confere bordas ao furo na neurose opera desta forma por ocupar um lugar de exceção, de *Todo*, que, como exceção funda a norma. Com a foraclusão deste na psicose, estamos em uma estrutura na qual, por não haver este *Todo* que estabelece que o jogo tem regras, há *nãotodo* (Lacan, 1972; Vieira, 2004). O Outro *nãotodo*, por ser absoluto e caprichoso – bem diferente do Deus honesto de Einstein, não poderá funcionar como regulação, como ponto de basta para o gozo que tenderá, desta forma, a se absolutizar. Estamira vai além, vai até o transbordo ilustrando com isso o

⁵ Documentário do mesmo diretor de “Estamira” – Marcos Prado, feito a partir do material que não entrou na edição para o primeiro filme. Estamira é psicótica e nos dois filmes ela torna pública sua cosmovisão.

“desmedido do gozo no discurso” (Vieira: 2008, 96) que *sanguíneo* nenhum suportaria. Porém, isso não significa que não haverá um preço a ser pago e que o psicótico estará livre de constrangimentos.

Quase fora do mundo, tem como contrapartida a necessidade de reconstruí-lo em permanência do delírio, pagando com a desrazão o preço de um termo para o problema do impossível infinito [...]. (Vieira, 2008: 101)

Já que na neurose há esse impossível que se instaurou para uma maioria, o caminho para o psicótico poder viver no mundo é em direção da construção artesanal (Vieira, 2008) de algo que funcione como uma espécie de furo.

Mas o que isso tem a ver com a ciência? Vimos que a ciência, ao afirmar que o universo é infinito e infinitamente matemático, não concebe qualquer limitação externa para suas fórmulas. A partir dela, tudo é possível de ser equacionado visto que não há qualquer tipo de lacuna que impeça a previsão do efeito diante da causa. Não há um ponto do universo que não esteja submetido a isso o que nos indica que a postura da ciência diante do universo é concebê-lo como totalmente acessível a sua abordagem, não deixando restar um *além* sequer.

O ‘gap’ entre a causa e efeito na medida em que é preenchido – é isso mesmo que se chama, numa certa perspectiva o progresso da ciência – faz desaparecer a função da causa, quero dizer, ali onde é preenchido. De forma que a explicação do que quer que seja resulta, na medida em que se completa, e só deixar aí conexões significantes, em volatizar o que a animava no princípio, o que impeliu a se explicar o que não se compreende, a saber, a hiância efetiva. (Lacan, [1959-60]: 327)

Nessa hiância efetiva que faz da história natural o que há de mais antinatural a ciência introduz algo que faz com que essa ‘anomalia’ seja dissipada (Lacan, 1985:16). Se para Lacan (1972: 478) a maneira mais apropriada de se referir à idéia do real seria considerando-a decaída, ou seja, como o que resvala, como “escorregando dos braços do discurso que a estreita”, o discurso da ciência agarra o real ao conceber que, por ser matemático, ele é explicável. Disso já podemos concluir que, tal como na psicose, não há impotência para a ciência, não há exceção para o alcance de seu discurso. É nesse ponto que a remoção do impossível de Koyré e a forclusão do sujeito em Lacan coincidem: a forclusão empreitada pela ciência abordada pelo Lacan é o ilimitado trazido por Koyré.

Fizemos uma alusão no segundo capítulo de uma distinção existente entre o discurso da ciência e a prática científica e neste momento da dissertação é oportuno que nos detenhamos sobre esse ponto. Quando o discurso da ciência sai de um

campo abstrato e tenta se aproximar de uma prática, vimos que é preciso fazer algumas adaptações, algumas concessões ao empírico para que suas formulações possam produzir objetos concretos. O impossível na ciência se presentifica no seu retorno ao mundo, mas aí já não é mais discurso, é prática científica. Talvez por este motivo Lacan (2005b: 61) acrescente ao rol de profissões impossíveis de Freud a profissão do cientista. Talvez seja impossível que a prática científica faça jus ao ideal de ciência contido em seu discurso. Veremos mais adiante que esse será um ponto que nos permite distinguir ciência e psicose.

5.4 O postulado e a reconstrução da realidade

Já havíamos afirmado que a ciência, mais do que construir uma teoria sobre a realidade, constrói uma nova realidade feita de fórmulas. Podemos dizer agora que nessa realidade edificada pela ciência não há impotência e que nisso ciência e psicose coincidem.

Tal como acontece na psicose, quando o *eu* se adapta a um postulado, a ciência é fundada a partir de um postulado sobre o universo, mas se desenvolve produzindo protocolos experimentais que o realizam em um segmento específico da realidade⁶. Vimos no terceiro capítulo que na psicose há um desmoronamento do mundo e que o psicótico trabalha para reconstruí-lo através do delírio. Nas palavras de Freud:

Em uma psicose, a transformação da realidade é executada sobre os precipitados psíquicos de antigas relações com ela [...]. Essa relação, porém, jamais foi uma relação fechada; era continuamente enriquecida e alterada por novas percepções. Assim, a psicose também se depara com a tarefa de conseguir para si própria percepções de um tipo que corresponda à nova realidade [...]. (1924:207)

É deste modo que se dá a edificação de um novo mundo na psicose: partindo um postulado inicial as percepções que chegarem até o sujeito serão moldadas de forma que se harmonizem, que confirmem este postulado. Vimos isso anteriormente na história clínica de Schreber desde o pensamento de que seria agradável ser mulher até a construção do delírio no qual ele tinha lugar no mundo como mulher de Deus, genitor da nova raça.

Seria exagero fazer uma analogia com esse processo de reconstrução do mundo na psicose com o trabalho de construção de uma teoria científica? Sobre as grandes revoluções científicas dos séculos XVII, XIX e XX Koyré (1982: 77) afirma que:

⁶ Para estas noções cf. Milner, J. C. Pour une science du langage, Paris, Seuil, 1995

são revoluções teóricas, cujo resultado não foi a melhoria da conexão entre elas e os ‘dados da experiência’, mas a aquisição de uma nova concepção da realidade profunda subjacente a àqueles ‘dados’.

Já podemos depreender que as leis científicas não estreitam as relações com a visão intuitiva do mundo, que elas não se baseiam nos dados da experiência comum e que, em muitos aspectos, elas os contrariam delineando uma realidade distinta da qual experimentamos. Até a ciência galileana o mundo apreendido pelos nossos sentidos era considerado como mundo real. Com Galileu e depois dele “presenciamos uma ruptura entre o mundo percebido pelos sentidos e o mundo real, ou seja, o mundo da ciência” (Koyré, 1982:55).

O mundo da ciência é a geometria aplicada sendo que é o mundo que está submetido a ela e não o contrário. Desta forma, o que os cientistas modernos empreendiam não era uma crítica ao pensamento que na visão deles era equivocado para substituí-lo por outro melhor. Eles “tinham de destruir um mundo e substituí-lo por outro” (Koyré, 1982:155) e o fizeram abandonando o mundo apreendido pelos sentidos e construindo um novo mundo que se harmonizasse com a sua procedência matemática.

Quando Lacan fala que é o significante do Nome-do-Pai que está comprometido na psicose, vimos que não se trata apenas de um significante, mas do significante que estrutura a realidade compartilhada. Também encontramos na ciência uma profunda transformação da realidade a partir da mudança nos pilares sobre os quais o mundo vinha sendo mantido até então.

É neste ponto – o retorno à realidade, que encontramos uma distinção entre a ciência e a psicose porque vimos que, se por um lado o discurso da ciência dispensa os dados sensíveis para construir suas equações, ela restabelece a relação com o empírico quando ela passa de discurso à aplicação, ou seja, do discurso da ciência à prática científica. Se na psicose há a um postulado inicial a partir do qual as percepções derivam não sendo suscetível de alterações pelo confronto com a realidade, observaríamos que a ciência parte de um discurso – este sim, total, sem brechas, para a aplicação da lei pelo cientista. Esse segundo momento de aplicação prática, com seus objetos e fazeres concretos, há uma retomada da relação entre a prática científica e o mundo na qual importam as respostas que o segundo oferecer às leis científicas (Milner, 1995).

5.5

As complicações de um discurso sem vazio

Sintetizando o que vimos até o momento neste capítulo poderíamos afirmar que ciência e psicose possuem uma forma lógica que inclui uma *Unglauben* diante de um vazio estruturante no saber e que elas reconstroem a realidade a partir de um postulado que termina por foracluir o impossível. Com essas afirmações em mãos, tentemos pensar nas suas conseqüências, tanto para a ciência quanto para a psicose.

Primeiro podemos pensar que é por se dirigir ao real a partir da *Unglauben* é que a ciência pode encontrar aquilo que ela procura. Vimos no segundo capítulo que a ciência trata o real de tal forma que possibilita a extração do saber no real e podemos acrescentar que é essa posição decidida da ciência permite que ela realize as descobertas que tanto fascinam a cultura na atualidade. Mas, nesse mesmo movimento, fica elidida a possibilidade de notar aí a origem desse achado na posição adotada pela ciência e essa origem passa a ser encarada como uma pertencente ao real e não à ciência. Dito de outra forma, é impossível para o discurso científico conceber que é a sua posição diante do real que faz com ela encontre no real aquilo que ela procura, pois aos olhos da ciência isso tem a ver com o real, por ele ser constituído matematicamente.

Questão semelhante pode ser encontrada na psicose. Tentar convencer o psicótico de que a sua visão de mundo é uma construção particular, que tem a ver com ele e não com a realidade em si é um trabalho no mínimo infrutífero. Fazer que o sujeito psicótico se implique com a construção do seu delírio é desconsiderar que não houve *Bejahung* e que, portanto, esse caminho é inviável.

Outro ponto que podemos levantar como conseqüência da inexistência do imponderável na ciência e na psicose é que, se como vimos no primeiro capítulo, o furo tem função na composição e sustentação da estrutura, logo uma construção que o elimine sofrerá as implicações disso no que tange a estabilidade do que foi construído. Na ciência e na psicose a questão sobre a estabilidade do corpo será problemática porque este será constituído de tal forma que não portará nada de infinito, nada além dele que o garanta (Vieira, 1999). Na clínica da psicose encontramos as demonstrações do quanto a ausência de um furo compromete o corpo que foi possível constituir nos fenômenos que refletem as alterações da consciência do eu, do tempo e do espaço, por exemplo. Elementos psicopatológicos como a desrealização do mundo ou a despersonalização (Melo, 1970: 332) nos possibilitam

ver o quanto a falta de uma lacuna, tal como é sustentada quando vinculada ao Nome-do-Pai, ameaça o mundo interno e externo que o sujeito pôde construir.

No mundo habitado pelo gozo incorporal do Outro, o próprio mundo tende a desaparecer diante deste algo que pode estar em todo lugar e sob todas as formas. Um significante – um nome de doença, uma identidade, um nome de perseguidor – é justamente aquilo que freqüentemente vem fazer furo neste real [...]. (Vieira, 1999)

Diante desta ameaça, a saída para o sujeito psicótico é a construção de barreiras que o defenda desse ataque sem corpo através da localização de um personagem externo como seu algoz nas síndromes paranóides, ou de algum mal no seu próprio corpo nas melancolias, por exemplo. Mas, diferentemente da neurose esse furo não se dá através do Nome-do-Pai, constituindo-se como um modo de amarração distinto (Cerdeira, 2008), com características e implicações distintas.

Para fazer um paralelo entre as conseqüências da foraclusão do Nome-do-Pai na psicose com os efeitos da foraclusão do sujeito pela ciência, deveremos ampliar o escopo de nossas observações, visto que a incidência da ciência se dá sobre o sujeito, mas através da cultura.

Essa posição da ciência justifica-se por uma radical mudança de estilo no tempo de seu progresso, pela forma galopante de sua imissão em nosso mundo, pelas relações em cadeia que caracterizam o que podemos chamar de expansões de sua energética. Em tudo isso nos parece radical uma modificação em nossa posição de sujeito, no duplo sentido: de que ela é inaugural nesta e de que a ciência a reforça cada vez mais. (Lacan, 1965: 870)

Temos insistido na distinção entre o discurso da ciência com sua abolição do impossível da prática científica, em que o impossível retorna. Agora é preciso tomar a ciência como discurso que tem efeitos importantes sobre a cultura através das suas invenções, de suas conquistas. As fabulosas descobertas da ciência transmitem a mensagem de que a ela tudo é possível e o social tem se interessado por isso. Uma cultura que crê que tudo pode estará bem próxima da ausência de impotência psicótica, isto é, uma construção imaginária da realidade na qual a ciência tudo poderia. É como se abolindo a impotência do universo a ciência tivesse criado um mundo em que todos acreditam que não há impossíveis (Vieira, 2008a; Miller *apud* Vieira, 2008b).

Buscando ilustrações do que temos referido como efeitos do discurso da ciência na cultura, cotejaremos as características da “sociedade líquido-moderna” de Zygmunt Bauman (2009) com as reflexões da psicanálise sobre o mesmo campo. Segundo Bauman (Ibid.: 7) “‘Líquido-moderna’ é uma sociedade em que as condições sob as

quais agem seus membros mudam num tempo muito curto”. Essa fluidez do tempo na vida líquida trouxe problemas na constituição da individualidade porque na modernidade, além dessa imagem parecer não sossegar, há a exigência de que se tenha uma imagem consistente o tempo todo, o que traz o eterno trabalho de confecção de uma nova individualidade a todo o momento. Aliado a isso, Bauman (2009: 16 et. seq.) destaca que a busca pela identidade vai se dar a partir de imagens prontas pra uso, oferecidas dentro de um discurso *faça-você-mesmo* que tornam essa viagem de auto descoberta um passeio pela feira onde encontraremos modelos de individualidade oferecidos no atacado. Caberá ao freguês e candidato a indivíduo

escolher o melhor padrão (de identidade) entre os muitos atualmente em oferta, montar as partes do kit vendidas separadamente e apertá-las de uma forma que não seja nem muito frouxa (para que os pedaços feios, defasados e envelhecidos que deveriam ser escondidos embaixo não apareçam nas costuras) nem muito apertada (para que a colcha de retalhos não se desfaça de uma vez quando chegar a hora do desmantelamento, o que certamente acontecerá). (Bauman, 2009: 13)

Essa tentativa em consistir através das imagens que o mercado não cansa de ofertar resulta, entre outras conseqüências, em um consumismo desenfreado que reflete a busca pelo o que, afinal, se é.

A partir da incidência da ciência sobre a cultura, o furo deixa de ter espaço e a estabilização da imagem, do *eu*, passará a se dar de uma maneira diferente do que aquela garantida pelo Nome-do-Pai. Essa estabilização, por não advir do Nome-do-Pai, por ser uma identidade *autoempregada* e *autoatribuída* não porta esse vazio e não satisfará como contorno. Os indivíduos da sociedade moderna

não encontram um “porta-voz” confiável (que sustente para nós o que não conseguimos sustentar quando deixados por nossa própria conta e que nos assegure diante do caos uma certa permanência de origens, propósitos e ordens). (Bauman, 2009:45)

As hipóteses de Bauman parecem coadunar com as opiniões de Lacan sobre o assunto. Sem notícia disso que evocamos como *vazio estruturante*, sem o crivo do Nome-do-Pai o *eu* se formará “no impasse dialético da bela alma que não reconhece a própria razão de seu ser” (Lacan, 1953: 283)⁷. Será preciso sempre mais imagens novas, em acordo com o que sugere o momento, incessantemente.

Um outro viés da exigência ininterrupta de consistência na sociedade líquido-moderna se manifesta na imposição da fruição do prazer imediato, o que Bauman descreve como “uma enfática negação da virtude e da procrastinação e do preceito de

⁷ Ver também em Lacan, 2005b: 39.

‘retardar a satisfação’” (2009:83). Os indivíduos modernos vivem na direção da obtenção do máximo possível de satisfação e a postergação ou a diminuição disso não é bem vista. A sensação do prazer será tida como via possível de algum contorno, mas precisará ser constantemente renovada visto o seu efeito passageiro. Teremos, então, sujeitos ávidos por sensações, agitados pela exigência de prazer e para quem a lógica fálica não fará sentido algum.

Estamos quase no avesso do tempo freudiano. Testemunhamos a tônica da satisfação ao passo que, no início do século XX abordava-se o prazer valendo-se, sobretudo, da falta e da interdição. (Vieira, 2008: 89)

O gozo fálico não atenderá as demandas dessa sociedade que encaminhará seus pedidos a outras instâncias, essas sim, capazes de responder prontamente. Bauman mostra-se sensível ao entendimento das questões referentes à modernidade ao afirmar que a raiz deste problema não está na indústria de consumo porque esta só se configurou de maneira a poder atender, uma “forma de vida” (Bauman, 2009: 83) em voga na atualidade. Estamos afirmando, com Lacan que essa forma de vida é uma maneira de se postar diante da linguagem que está relacionada ao discurso da ciência.

Ao foracluir o imponderável, a ciência instaura uma cultura que se pretende sem brechas e sem impossíveis e que se organiza no sentido de alcançá-los. Mercado, relações, lazer, tudo deverá ser configurado no sentido de não provocar interrupções, de oferecer sempre mais. Daí que “é preciso perceber que não se pode mais contar com o cansaço do Outro para interromper a dança” (Vieira, 2008: 104) porque esse Outro de tempos atrás que intervinha interditando mudou e põe à disposição as mais variadas invenções que são capazes de tornar essa dança ilimitada.

Diante de proposta tão atraente por parte da ciência, o que pode a psicanálise na cultura?

5.6 Impasses, limites e caminhos possíveis

Lacan (1965) elenca os diferentes campos de saber que abordam a verdade sobre o sujeito distinguindo a psicanálise da religião, da ciência e da magia. A religião, ao colocar Deus como resposta pela causa do sujeito, termina por denegar a verdade em causa no último; a magia, por sua vez, recalaria esta causa colocando em seu

lugar uma intervenção simbólica que implicaria a negligência e a alienação do sujeito sobre tal operação, enquanto a ciência implicaria na forclusão desta causa (Freire et. al., 1996: 25). Podemos perceber que este processo de negativização do sujeito é comum a estas três visões de mundo – religião, ciência e magia; e já podemos afirmar que é algo divergente desse processo que vai situar a posição da psicanálise diante do campo do sujeito.

Temos na conhecida frase de Freud “*Wo Es war, soll Licht werden*”⁸ uma pista inicial do que seria o posicionamento da psicanálise diante do campo do sujeito. A leitura mais interessante que podemos fazer dessa famosa afirmação de Freud é que não se trata nem de recuperar uma parte do sujeito que se encontrava alhures para a incorporação desta parte por seu todo, nem de passar a saber sobre tal parte, mas sim marcar que essa é uma divisão radical na qual o que está em jogo não é da ordem do saber, mas da verdade.

Dizer que o *eu* deve advir é assumir que eu não sou causa de mim mesmo, que a minha causalidade - a verdade da verdade, está no inconsciente. Sobre isso, Lacan (1972) posteriormente viria acrescentar que essa verdade/causa não cabe na fala porque não seria possível por estrutura dizer o verdadeiro sobre o verdadeiro. Essa impossibilidade se justifica porque esse saber só poderia acontecer através da linguagem, o que nos alerta de que nesse saber haverá necessariamente um ponto de não saber. Como vimos anteriormente, a linguagem comporta em sua estrutura uma insuficiência que persevera, que faz sempre restar algo de não-articulável. Essa hiância estrutural entre significante e significado instaura um equívoco fundamental a partir do qual, ao falarmos algo sempre sobra. Esse ponto que sempre fica de fora da linguagem, nunca podendo ser dito em sua totalidade é o que faz com que, por acreditarmos que em algum momento daremos conta disso que sobrou, continuemos a lançar mão de mais e mais significantes, infinitamente. Esse fracasso da metalinguagem determina que, por mais que tentemos insistentemente dar conta do recado, o mais perto que chegamos é contornando esse fracasso com vários recursos dos quais lançamos mão - como o sintoma, o ato falho, o chiste, mas que, mesmo assim, não se aproximam do saber por serem estranhos a ele. Mas isso, que pareceria uma maneira de colocar um ponto final na questão, erradicando qualquer chance de acesso à verdade é uma construção de um índice eficaz que aponta para o neurótico a toda hora que há uma verdade, que faz lembrar com o sintoma que há ali uma verdade como causa.

⁸ Lá onde *isso* estava, devo [*eu*] advir. Tradução do texto freudiano proposta por Lacan, 1965: 878.

É a estrutura do significante, separado para sempre de sua significação, que faz com que a verdade se expresse sempre como meio-dizer e que, por sua vez, causa o sujeito provocando o seu movimento na intenção de se achegar, como puder, à verdade. Esse entendimento sobre a verdade a psicanálise tem de original em relação à ciência porque, se na psicanálise a incidência da verdade como causa se dá por um viés de uma causa material, a ciência acentua seu aspecto de causa formal.

Como vimos em pormenores no primeiro capítulo é sobre o sujeito que a psicanálise se interroga e é a ele que a psicanálise desde Freud escolheu dar lugar. Se na ciência a experiência sensível cabe toda em fórmulas, para a psicanálise a incompatibilidade entre real e o simbólico seria uma barreira intransponível, uma limitação imposta para todo ser que seja de linguagem. A psicanálise reconhece a insuficiência própria à estrutura significante de responder, em termos de significação, tudo o que seja do campo do sujeito (Freire et. al., 1996: 30) e, deste modo, todo o contorno ao real que o simbólico possa dar sempre deixará algo de fora. Sempre sobrar algo não processável e isso que é irreduzível e não cabe em nenhuma formação significante funciona como força motriz que impulsiona todo o trabalho de tentativa de significação. É pautada por essa inconsistência própria da estrutura que se constitui a psicanálise e é esse vazio que ocupa para a psicanálise a posição de verdade, o que faz da psicanálise um sistema incompleto que se alicerça justamente nesse vazio (Ibid: loc. cit.).

Mais do que estar ciente desse fora de sentido inerente à estrutura da linguagem, a psicanálise se interessa por isso que resta porque é isso que agita, inquieta e anima o sujeito. Não interessa ao psicanalista a dissolução desse impossível, pelo contrário, este é o seu material de trabalho é o que ele isola para fazer agir durante a análise.

[...] gostaríamos de insistir que é na relação do furo com a fala que a Psicanálise, certamente uma das clínicas da linguagem, trabalha. É com relação ao furo, seja ele tropeço, esquecimento, sonho, lapso, que o psicanalista entra em cena. Freud inventou a Psicanálise apostando em sua ação sobre os furos do discurso e ao mesmo tempo teorizou a relação entre o corpo e seus furos, as famosas zonas erógenas. (Vieira, 2009)

Vimos que este furo é flexível, se apresenta de diversas formas e em situações variadas, sendo móvel e maleável. Quando esse furo se fixa e se enrijece, cabe ao analista encadeá-lo com o mundo, reintegrá-lo à vida, “dar-lhe mobilidade, mais do que fixá-lo com uma explicação ou extirpá-lo com uma intervenção” (Vieira, 2009); da mesma maneira que, nas situações em que este furo se dispersa, perde a localização,

será trabalho da análise uma “uma paulatina localização do centro dessa invisibilidade” (Id., 2008: 74)

No sentido contrário do encontramos na modernidade líquida, a construção de um novo contorno pela psicanálise não estaria necessariamente em consonância com a tendência do momento. Pelo contrário, o que poderia trazer novos arranjos e disposições interessantes estaria mais do lado do brega, do que não faz muito sentido para os outros, do *fora de série*⁹ do que da *última moda* das capas de revista.

A psicose como experiência clínica é um paralelo interessante com a ciência. Primeiro porque ela nos adverte da radicalidade lógica que opera no discurso científico e nos retira da posição de *defensores nostálgicos do furo*. Vive-se sem o furo e a psicose está aí para nos mostrar que há caminhos alternativos ao Nome-do-Pai, então nada de escalas de valor entre o hoje e outrora. Um esforço no sentido de restituir esse impossível na cultura é, no mínimo, ingênuo. Se nos dedicamos mais a interditar do que analisar o modo como se estabelece o gozo, estamos declarando o fracasso da psicanálise e enveredando por outras intervenções, talvez moralistas, policialescas. Nada de desespero, de previsões apocalípticas sobre a modernidade. Isso não só não adianta, não opera mudanças no *status quo*, como também pode paralisar, resvalar para um discurso niilista do tipo *é o fim do mundo*.

A analogia ciência-psicose também vale porque como já conseguimos alguns avanços na clínica das psicoses, estes podem nos servir diante deste campo tão novo e tão árido que é a modernidade, indicando limites e possibilidades.

Como limite, vale a advertência de que, apesar da insistência na relação entre ciência e psicanálise, não devemos pretender com isso fazer com que a ciência se submeta ou se interesse pela existência do sujeito. Se estamos de acordo com Koyré e Lacan, temos que entender o discurso da ciência como sendo total, sem divisão e que seria tolo se empenhar em uma busca por brechas nele porque isso em nada muda o funcionamento da ciência. Este seria um equívoco semelhante ao de tentar contestar o delírio do psicótico através de uma contradição lógica ou fundamentada na realidade.

Tal como na psicose, a forclusão do impossível na ciência moderna é viga mestra do seu edifício teórico e defender a existência e o papel estruturante do

⁹ As reflexões trazidas nessa dissertação sobre esse *fora de série* como uma marca que individualiza são oriundas do seminário “Invenções – A política do sintoma” realizado na EPB seção Rio, ministrado por Marcus André Vieira.

impossível para a comunidade científica é tolice porque não reverberará, porque não encontraremos quem nos queira ouvir. Talvez a posição mais interessante seja estar avisado da ausência de lacuna na ciência para pensar a partir da psicanálise o que é possível diante desse totalitarismo.

Em “O triunfo da religião” Lacan (2005b: 63) dá a indicação de que caberá à psicanálise dar lugar aos efeitos da ciência na cultura porque é da alçada da psicanálise dar lugar ao que não tem lugar no mundo porque não funciona, se ocupar do que não é mundo, mas sim imundo. Nesse mesmo texto, Lacan fala da física - representante da ciência moderna, como sendo inumana e, logo à frente ele afirma

Vocês vêm como são as coisas. As coisas são feitas de esquisitices. Talvez seja um caminho pelo qual se possa esperar um futuro da psicanálise – ela devia se dedicar suficientemente à esquisitice. (Ibid.: 64)

Ao falar da posição daqueles que se ocupam em tratar de psicóticos, Lacan (1955-56: 235) lança a célebre expressão de que, nesses casos, talvez tenhamos “que nos contentar em passar por secretários do alienado” fazendo referência aos comentários da época sobre a impotência da abordagem psicanalítica a estes pacientes. Mas, em vez de considerar que esta é uma função somente limitada, Lacan faz ver que esta é a função e que nela o analista pode escutar o sujeito além dos fenômenos psicopatológicos, pode “aceitar o testemunho do alienado em sua posição em relação à linguagem” (Ibid.: 238).

A novidade é que, podendo situar as coisas em seus devidos lugares, principalmente reconhecendo os limites da psicose implicados em sua especificidade, ela (a psicanálise) pode propor agenciamentos mais plausíveis para a loucura, em vez de calá-la, quer pela droga, quer por uma pedagogia que a situa como uma variante da debilidade mental. (Fernandes & Rocha, 2004)

A psicanálise, por conceber que o sujeito constitui-se na linguagem, entende que este não equivale ao *eu* e que ele não se constitui necessariamente submetido à realidade. Por isso a psicanálise não orienta suas investidas no sentido de uma pedagogia que pretenderia submeter o sujeito a uma realidade compartilhada, à reintegração de um *eu*, pelo contrário, ela visa recolher o que há de próprio da psicose nesse sujeito, para, estando informada disso, intervir a partir desse funcionamento e não apesar dele. É dessa posição que a psicanálise pode contribuir no tratamento dos psicóticos, isto é, retomando as particularidades da psicose como manifestações de sujeito e que, portanto, devem ser levadas em conta e não erradicadas ou anuladas.

Acalmados os ânimos talvez seja possível insistir sobre o verbo “dedicar” - verbo escolhido por Lacan para designar a missão da psicanálise diante das esquisitices. Dedicar pode se referir a se aplicar, empregar tempo e/ou esforço e empenhar-se por algo. Mas pode significar também dar-se, pôr-se a serviço de.

Podemos aceitar essa tarefa humilde e difícil também diante da ciência? Seremos capazes de aquietar nossas expectativas, nosso “furor sanandi”¹⁰ (Freud, (1915[1914]): 188) e escutar do sujeito o destino que ele tem dado à mensagem que ele recebe da cultura? Tal como é na clínica da psicose, teremos que nos dedicar, a partir do que Freud e Lacan já deixaram como diretrizes para a clínica, a recolher as alternativas particulares improvisadas por cada sujeito.

¹⁰ Paixão por curar pessoas